



# Newsletter e-segurança@

nº 1

Fevereiro de 2010

Programa  
Promoção da  
e Segurança  
nos Locais de Trabalho



TELEFONE SEGURO

**808 208 280**

Terças e Sextas,  
das 14 às 18h

[www.shst.cgtp.pt](http://www.shst.cgtp.pt)

# Newsletter



**Campanha**  
Promoção da **Saúde**  
e **Segurança**  
nos Locais de Trabalho

e-seguranç@ n°1

Camaradas,

A Campanha Nacional de promoção da Saúde e Segurança nos Locais de trabalho, lança mais um instrumento de apoio para a intervenção nesta área. A partir desta data, passarão a receber a nossa E-seguranç@, uma newsletter periódica que dar-vos-á a conhecer alguns dos destaques e notícias mais importantes na área da Segurança e Saúde no trabalho para o MSU.

Esperemos que seja do seu agrado, e esperemos que 2010 seja um ano laboral mais seguro para todos e todas.

Fernando Gomes

O Departamento de Segurança, Higiene  
e Saúde no Local de Trabalho

**CGTP**  
INTERSINDICAL NACIONAL

Co-financiado por:



UNIÃO EUROPEIA  
FUNDO SOCIAL EUROPEU



808 208 280  
Terças e Sextas,  
das 14 às 18h

[www.shst.cgtp.pt](http://www.shst.cgtp.pt)

# Newsletter



**Campanha**  
Promoção da **Saúde**  
e **Segurança**  
nos Locais de Trabalho

e-seguranç@ n°1



## EM DESTAQUE...

### “Novo” Relatório, Velhos defeitos!

Menos de um terço das empresas Portuguesas entregou o relatório anual de actividades de Segurança e Saúde no Trabalho, o ano passado. A taxa de incumprimento desta obrigação subiu pela primeira vez, desde que existe a obrigatoriedade de entrega do relatório. O relatório simplificado não surtiu o efeito desejado. [Ler +](#)

### A sinistralidade laboral não é apenas os acidentes mortais!

Em 2009 foram objecto de inquérito 53 acidentes de trabalho mortais! Significará isto uma menor sinistralidade durante o ano que agora acabou? [Ler +](#)

### Novo projecto da CGTP-IN sobre Reparação de Acidentes de Trabalho

O tema do Projecto é a Reparação dos Acidentes de Trabalho, que tem de merecer mais atenção das entidades públicas, políticas e do próprio movimento sindical. Como se sabe, centenas de trabalhadores perdem a vida e centenas de milhares de trabalhadores têm acidentes de trabalho todos os anos, em grande parte pelas más condições de trabalho e de não haver a adequada informação e formação dos riscos profissionais por parte da entidade patronal. [Ler +](#)

### Mais uma ficha sobre o exercício do Direito à Participação na área da SST

No passado mês de Dezembro de 2009 iniciámos a publicação de uma colecção de fichas que visam auxiliar o MSU no exercício do Direito à Participação na área da Segurança e Saúde no Trabalho. [Ler +](#)

### Larga maioria considerou que as empresas não estavam preparadas para o combate e prevenção dos efeitos da Gripe A

Mesmo sabendo das conspirações internacionais para que acreditássemos na pandemia da Gripe A, foi interessante verificar até que ponto as nossas empresas estariam preparadas ou não para esta ou outras pandemias, pois quem não nos protegesse desta, também não nos protegeria de outra ou da sinistralidade laboral, em geral, e esse é o problema que mais nos preocupa. [Ler +](#)

# Newsletter



**Campanha**  
Promoção da **Saúde**  
e **Segurança**  
nos Locais de Trabalho

e-seguranç@ n°1



## “Novo” Relatório, Velhos defeitos!

Foi publicado o tratamento estatístico da entrega do último relatório de actividades, já na sua versão “nova”, publicada na portaria 288/2009 de 20 de Março e que tantos problemas levantou quanto à sua entrega e preenchimento.

O facto é que, a decisão de publicação de uma versão simplificada do relatório, foi tomada no início do ano passado e, tendo em conta, de que a entrega do mesmo deve ser verificada até ao final de Abril de cada ano, muitas organizações viram-se confrontadas, numa data em que já o deviam ter preenchido, com a sua alteração.

É claro que este pretexto não serve a toda a gente, pois, mesmo em relação ao modelo anterior, de acordo com o relatório estatístico relativo à entrega do Relatório Anual de Actividades durante o período 2002-2007<sup>1</sup>, apenas 110.020 empresas haviam entregue este relatório.

De acordo com os dados do próprio GEP, no ano de 2007 existiam cerca de 354.927, e isto sem contar com as organizações do sector social, cooperativo e público.

Contudo, no ano de 2009, apenas 107.702 empresas entregaram o “novo” relatório. Assim, na nossa opinião, em 2009, podemos registar duas consequências da forma apressada de como e introduziu o novo modelo de relatório:

1. Uma consequência directa, quase 2.300 empresas a menos a entregarem o relatório, o que aumenta o

1. Por alguma razão desconhecida, mas misteriosa o suficiente para nos interrogarmos sobre a bondade da decisão, a publicação em referência foi substituída por uma que se diz “actualizada”, mas que não possui os dados dos anos anteriores. Porquê?

universo de incumpridores, sem que a ACT esteja a preparar, pelo menos que seja do nosso conhecimento, algum plano de actuação face aos faltosos.

2. Uma consequência indirecta. É que desde 2002 que se verificava um aumento anual do número de empresas que entregam o relatório. Passámos de 44.133 em 2002 para 110.020 em 2007, o que representou um aumento de mais de 140%, sendo esse um dos aspectos mais positivos (e únicos) da estatística relativa à entrega deste relatório. Em 2009 quebrou-se essa evolução.

Ora, estas consequências era visíveis, lógicas e foram, inclusive, objecto de aviso. Numa mesa redonda em a que a CGTP-IN participou em 2009 num seminário sobre cooperação ibérica, na FIL, todos os parceiros sociais, e em particular, a CGTP-IN, avisaram para as consequências desta “pressa”. Então porque é que se persistiu no erro?

Mais uma vez decidiu-se trocar a seriedade da estratégia a seguir pela imagem que se pretendia fazer passar. Contudo, a imagem que se pretendia passar de que algo se está a fazer, não passou e pelo contrário, ficou-se a perceber que nem sempre se tomam as medidas da melhor forma e que a participação dos parceiros sociais, prerrogativa estatal prevista na Directiva 89/391/CEE e na lei 102/2009, não foi cumprida em todo este processo. Fica a lição!

O Departamento de Segurança, Higiene e Saúde no Local de Trabalho da CGTP-IN

[Clique para Regressar aos Destaques](#)

[www.shst.cgtp.pt](http://www.shst.cgtp.pt)



## A sinistralidade laboral não é apenas os acidentes mortais!

**D**e acordo com as informações obtidas a partir da própria ACT, em Portugal registaram-se 53 acidentes mortais ao longo do ano de 2009.

Embora cada acidente de trabalho mortal seja algo de lastimar, principalmente quando sabemos que muitos deles resultam da revelação de riscos profissionais perfeitamente evitáveis ou, pelo menos, limitáveis, tendo em conta os números oficiais, e é disso que estamos a falar, de números oficiais, tendo em conta os mesmos, já parece estar longe a realidade passada dos recordes de acidentes de trabalho mortais que passavam a conta das duas centenas e mais recentemente, da centena.

A CGTP-IN está, nesse sentido, contente pela aparente evolução. Contudo a leitura da realidade da nossa sinistralidade laboral, não se pode cingir apenas à figura dos acidentes de trabalho mortais, sob pena de uma visão redutora da realidade e sob pena de estarmos a escamotear e branquear todas as situações de sinistralidade que sabemos existir.

Nem a sinistralidade se cinge apenas aos acidentes de trabalho mortais, nem a sinistralidade se cinge apenas aos acidentes. A análise da sinistralidade em geral, e particularmente durante o ano de 2009, deve ter em conta os seguintes factores:

- 2009 Foi um ano de crise económica profunda, o que afectou a actividade industrial e de construção, actividades nas quais se registam, na maioria dos anos, o maior número de acidentes de trabalho, mortais ou não;
- Em 2009, o desemprego aumentou de forma exponencial, e neste caso, os números oficiais apontam

para mais de 500 mil desempregados. Menos emprego, menos acidentes;

- Em 2009, milhares de empresas fecharam portas, principalmente no sector industrial. Se a maioria dos acidentes acontecem na indústria, principalmente na indústria transformadora, também este factor influenciou, a nosso ver, o número de acidentes registados, mortais ou não.

Por outro lado, a análise da sinistralidade laboral não se pode restringir aos acidentes de trabalho apenas, porque:

- Embora aceitemos e estejamos contentes com a redução do n.º de acidentes de trabalho, a verdade é que quase tudo continua a fazer na área das doenças profissionais;
- A reconversão da nossa estrutura económica da indústria para os serviços, proporcionou, por si só, a redução do número de acidentes, pois nos serviços a sinistralidade revela-se mais em termos de doenças e não de acidentes;
- Mesmo a indústria que subsiste, também ela é diferente em muitos aspectos, principalmente no que concerne às formas de organização e prestação do trabalho. Hoje em dia, a actividade braçal tem vindo a ser substituída pela actividade de precisão e controlo. Esta conversão também proporciona mais o aparecimento de doenças do que de acidentes;
- Os apelidados factores de risco emergente, resultantes, em grande medida, das “novas” formas de organização do trabalho, são factores de risco que, na sua essência, tendem a revelar-se mais enquanto doenças do que enquanto acidentes.

# Newsletter



**Campanha**  
Promoção da **Saúde**  
e **Segurança**  
nos Locais de Trabalho

e-seguranç@ n°1



Nesta medida, é preciso ter muito cuidado quando se fala da redução da sinistralidade laboral. Não devemos confundi-la com a redução dos acidentes, nem a redução dos acidentes com a redução dos acidentes mortais, pois todos eles resulta de factores de risco diferentes, e se nuns casos tem havido evoluções, noutros, nem por isso e até pelo contrário, vejamos:

- A precariedade laboral ao nível da organização do tempo de trabalho tem vindo a aumentar bastante;
- A flexibilidade laboral, no que respeita ao vínculo, às funções e à retribuição, é hoje um “must” da organização empresarial actual;
- A intensificação do trabalho através da redução progressiva do tempo do ciclo de trabalho e do estabelecimento de prémios de produtividade que fazem aumentar de forma inumana os ritmos de trabalho nas empresas;
- A redução dos custos com a prevenção e apoio social aos trabalhadores, como forma de fazer face à “crise”.

Todos estes factores contribuem para o surgimento dos acidentes, sem dúvida, mas muito mais para o aparecimento de doenças, principalmente de natureza músculo-esquelética e psicossocial.

Se olharmos para a estatística da segurança social, e sabendo que a mesma peca por elevado defeito, mesmo tendo em conta os números fornecidos pela própria Segurança Social e que reportam apenas aos anos de 2001 a 2006, mesmo assim podemos facilmente concluir que:

- O número de doenças certificadas tem vindo a aumentar progressivamente e de forma consolidada
- Nos últimos três anos do relatório verificou-se uma inversão do número de doenças certificadas em função do sexo, pois passaram a certificar-se mais doenças para mulheres do que para homens

Por um lado, podemos concluir que o número de doenças profissionais tem aumentado e considerando que a maioria das doenças músculo-esqueléticas e psicossociais não constam sequer da lista oficial de doenças profissionais, podemos facilmente imaginar o largo universo de vítimas deste tipo de doença. Aliás, um estudo, chamado de PROUD e sobre o qual poderão recolher mais informação no nosso portal [shst.cgtp.pt](http://shst.cgtp.pt), apontava para a existência de mais de 24 mil casos de doença reumatológica em Portugal no ano de 2009. Podemos ver aqui o quão são irrisórios os números da segurança social.

Por outro lado, o facto de as doenças afectarem mais mulheres do que homens, também não nos deve surpreender, pois as mulheres são mais direccionadas para as tarefas de precisão do que os homens, fazendo delas a grandes vítimas das doenças laborais e dos factores de risco emergente.

Aliás, se analisarmos os relatório estatísticos da DGERT sobre acidentes de trabalho, facilmente concluiremos que o número de acidentes tende a manter-se, pelo menos no período a que reportam os dados (de 2002 a 2007) e que se mantêm à custa do aumento do número de acidentes nas mulheres (no homens diminuíram). Esta é também uma fonte de desigualdade, como podemos ver.

[Clique para Regressar aos Destaques](#)

[www.shst.cgtp.pt](http://www.shst.cgtp.pt)

# Newsletter



**Campanha**  
Promoção da **Saúde**  
e **Segurança**  
nos Locais de Trabalho

e-seguranç@ n°1



Assim e em jeito de conclusão, devemos contentar-nos com a menor mortalidade laboral, mas sobre a redução da sinistralidade a conversa é outra. Na nossa opinião ela não tem diminuído, apenas mudou de tipo. Devemos assim combater todas as ideias-chavões e ditos que fazem confundir os acidentes com a sinistralidade, pois não estamos a falar da mesma coisa. Quando falamos de sinistralidade, devemos saber do que estamos a falar, de que tipo? De doenças ou acidentes?

Importa adoptarmos uma política de combate a toda a sinistralidade e não apenas de combate aos acidentes mortais, pois muitas vítimas existem de doenças laborais que morrem anualmente no anonimato, ou morem todos os dias mais um bocadinho silenciadas pela indiferença de quem nos governa.

Em 2005 e 2006 faleceram mais de 270 trabalhadores por doença profissional, onde encontramos esse número na estatística da ACT?

#### Fontes:

Dados do Gabinete de Estatística e Planeamento da DGERT

Dados da Segurança Social sobre doenças profissionais:  
[http://www1.seg-social.pt/preview\\_documentos.asp?r=9750&m=PDF](http://www1.seg-social.pt/preview_documentos.asp?r=9750&m=PDF)

Dados da ACT sobre acidentes mortais:  
[http://www.act.gov.pt/\(pt-PT\)/ControlInformacao/Estatisticas/Paginas/default.aspx](http://www.act.gov.pt/(pt-PT)/ControlInformacao/Estatisticas/Paginas/default.aspx)

O Departamento de Segurança, Higiene e Saúde no Local de Trabalho da CGTP-IN

[Clique para Regressar aos Destaques](#)

[www.shst.cgtp.pt](http://www.shst.cgtp.pt)



## Novo projecto da CGTP-IN sobre Reparação de Acidentes de Trabalho

A CGTP-IN apresentou uma candidatura ao POPH – reforço da capacitação institucional dos parceiros sociais, cujo objectivo é melhorar o conhecimento e fornecer competências aos quadros sindicais.

O tema do Projecto é a Reparação dos Acidentes de Trabalho, que tem de merecer mais atenção das entidades públicas, políticas e do próprio movimento sindical. Como se sabe, centenas de trabalhadores perdem a vida e centenas de milhares de trabalhadores têm acidentes de trabalho todos os anos, em grande parte pelas más condições de trabalho e de não haver a adequada informação e formação dos riscos profissionais por parte da entidade patronal. O regime reparatório é manifestamente lesivo do princípio da dignidade humana.

O novo regime reparatório entrou em vigor no primeiro dia deste ano, mas peca, como todos os outros anteriores, porque assenta numa base em que o trabalhador é apenas uma mera entidade económica ou produtiva, na medida em que os danos indemnizáveis são apenas a redução da capacidade de ganho ou trabalho.

Esta visão mercantilista desconsidera quer as lesões e perturbações, mesmo que afectem irremediavelmente todos os outros aspectos da vida pessoal do trabalhador, quer os danos morais sofridos pelo trabalhador sinistrado e pelos seus familiares, O lema do nosso projecto “Não somos máquinas que se avariavam. Somos gente que trabalha” pretende, por um lado chamar atenção para a filosofia em que a reparação se baseia, e por outro como a CGTP-IN exige desde sempre que o trabalhador seja

considerado como cidadão pleno e indemnizado como tal.

O projecto tem várias dimensões:

-A realização de um guia de direitos sobre a reparação dos acidentes de trabalho que constituirá um importante instrumento de trabalho.

-A realização de um estudo que tem como principal objectivo a análise do percurso dos sinistrados, desde o acidente à sua ressocialização. Esta investigação vai ser coordenada pelo Prof. Dr. António Casimiro Ferreira, do Centro de Estudos da Universidade de Coimbra.

-A realização de seis debates regionais sobre esta problemática, assim como de dois seminários, um já realizado em Dezembro passado para lançamento do projecto e outro será no final.

-Para além disso, haverá materiais de divulgação do projecto.

A CGTP-IN vai ter ainda a prestigiosa colaboração do Escritório da OIT em Lisboa, em diversos domínios técnico-científicos para levar a cabo este projecto com o maior êxito, que tem como finalidade sensibilizar todos os intervenientes para que o regime reparatório seja mais integral e humanista.

O Departamento de Segurança, Higiene e Saúde no Local de Trabalho da CGTP-IN





## Mais uma ficha sobre o exercício do Direito à Participação na área da SST

### Ficha n.º 2 – Implementação de um plano de acção para a SST na sua organização

A ficha 1, publicada há dois meses, tinha como objectivo o estabelecimento das bases para a implementação de um plano de acção para a Segurança e Saúde nos Locais de Trabalho.

Neste momento estamos a proceder à publicação da Ficha n.º 2, que é dedicada à Implementação do Plano de acção. Como organizá-lo, estratégia a seguir, programação do plano de acção e os fundamentos a ter em conta para a estratégia.

Como conseguir as Fichas 1 e 2?

Clique aqui:

[Ficha 1](#)

[Ficha 2:](#)

O Departamento de Segurança, Higiene e Saúde no  
Local de Trabalho da CGTP-IN



## Larga maioria considerou que as empresas não estavam preparadas para o combate e prevenção dos efeitos da Gripe A

**A** sondagem realizada pelo nosso portal sobre a preparação das empresas para a pandemia da Gripe A, que as autoridades dizem ter varrido o nosso país, proporcionou o apuramento dos seguintes resultados:

A questão colocada era:

Sente que as empresas estão preparadas para fazer face aos efeitos da Gripe A?

34,8 % dos inquiridos respondeu que as empresas não estavam preparadas para tal.

21,7% respondeu que apenas uma pequena parte estava preparada.

17,4% respondeu que sim, as empresas estavam preparadas para tal.

4,3% respondeu não sabe/não tem opinião.

N=24

Embora a sondagem esteja longe de ser considerada representativa, a verdade é que a maioria dos inquiridos respondeu que as empresas não estava preparada e se juntarmos as respostas dos que

responderam não, com os que responderam que apenas uma pequena parte estavam preparadas, então, a maioria dos respondentes parecem estar preocupados com a situação.

A questão que aqui deixamos é a seguinte, será que, se as empresas não estiverem preparadas para combater doenças como a gripe A, estarão elas preparadas para proteger os trabalhadores dos efeitos das doenças laborais, em geral?

O Departamento de Segurança, Higiene e Saúde no Local de Trabalho da CGTP-IN

**Campanha**  
Promoção da **Saúde**  
e **Segurança**  
nos Locais de Trabalho



TELEFONE SEGURO

**808 208 280**

Terças e Sextas,  
das 14 às 18h

[www.shst.cgtp.pt](http://www.shst.cgtp.pt)